

— E você o odeia? — indaguei acabrunhado.

Ela sorriu tristemente e respondeu:

— No período do meu sofrimento anterior, amaldiçoava-lhe a lembrança, nutrindo por ele um ódio mortal; mas a irmã Nemesia modificou-me. Para odiá-lo, tenho de odiar a mim mesma. No meu caso, a culpa deve ser repartida. Não devo, pois, recriminar a ninguém.

Aquela humildade sensibilizou-me. Tomei-lhe a destra sobre a qual, sem que o pudesse evitar, rolou uma lagrima de arrependimento e remorso.

— Ouça, minha amiga — falei com emoção forte — também eu me chamo André e preciso ajudá-la. Conte comigo doravante.

— E sua voz — disse Elisa, ingenuamente — parece a dele.

— Pois bem — continuei comovido — até agora, não tenho propriamente uma família em "Nosso Lar". Mas você será aqui minha irmã do coração. Conte com o meu devotamento de amigo.

No semblante da sofredora, um grande sorriso parecia uma grande luz.

— Como lhe sou grata! — disse ela enxugando as lagrimas — ha quantos anos ninguém me fala assim, nesse tom familiar, dando-me o consolo da amizade sincera!... Que Jesus o abençoe.

Nesse instante, quando minhas lagrimas se fizeram mais abundantes, Narcisa tomou-me as mãos, maternalmente, e repetiu:

— Que Jesus o abençoe.

XLI

CONVOCADOS À LUTA

Nos primeiros dias de setembro de 1939, "Nosso Lar" sofreu, igualmente, o choque por que passaram diversas colônias espirituais, ligadas à civilização americana. Era a guerra europeia, tão destruidora nos círculos da carne, quão perturbadora no plano do espírito. Entidades numerosas comentavam os empreendimentos bôlicos em perspectiva, sem disfarçarem o imenso terror de que se possuam.

Sabia-se, desde muito, que as Grandes Fraternidades do Oriente suportavam as vibrações antagônicas da nação japonesa, experimentando dificuldades de vulto. Anotava, porém, agora, fatos curiosos de alto padrão educativo. Assim como os nobres círculos espirituais da velha Ásia lutavam em silêncio, preparava-se "Nosso Lar" para o mesmo gênero de serviço. Além de valiosas recomendações, no campo da fraternidade e da simpatia, determinou o Governador tivessemos cuidado na esfera do pensamento, preservando-nos de qualquer inclinação menos digna, de ordem sentimental.

Reconheci que os espíritos superiores, nessas circunstâncias, passam a considerar as nações agressoras não como inimigas, mas como desordeiras e cuja atividade criminosa é imprescindível reprimir.

— Infelizes dos povos que se embriaguem com o vinho do mal — disse-me Salustio — ainda que consigam vitórias temporárias, elas servirão sómente para lhes agravar a ruina, acentuando-lhes as derrotas fatais.

Quando um país toma a iniciativa da guerra, encabeça a desordem na Casa do Pai, e pagará um preço terrível.

Observei, então, que as zonas superiores da vida se voltam em defesa justa, contra os empreendimentos da ignorância e da sombra, congregados para a anarquia e, consequentemente, para a destruição. Esclareceram-me os colegas de trabalho que, nos acontecimentos dessa natureza, os países agressores convertem-se, naturalmente, em núcleos poderosos de centralização das forças do mal. Sem se precarem dos perigos imensos, esses povos, com exceção dos espíritos nobres e sábios, que lhes integram os quadros de serviço, embriagam-se ao contacto dos elementos de perversão, que invocam das camadas sombrias. Coletividades operosas convertem-se em autômatos do crime. Legiões infernais precipitam-se sobre grandes oficinas do progresso comum, transformando-as em campos de perversidade e horror. Mas enquanto os bandos escuros se apoderam da mente dos agressores, os agrupamentos espirituais da vida nobre movimentam-se em auxílio dos agredidos.

Se devemos lastimar a criatura em oposição à lei do bem, com mais propriedade, devemos lamentar o povo que olvidou a justiça.

Logo após os primeiros dias que assinalaram as primeiras bombas na terra polonesa, encontrava-me, ao entardecer, nas Camaras de Retificação, junto de Tobias e Narcisa, quando inesquecível clarim se fez ouvir por mais dum quarto de hora. Profunda emoção nos invadiu a todos.

— E' a convocação superior aos serviços de socorro à Terra — explicou-me Narcisa, bondosamente.

— Temos o sinal de que a guerra prosseguirá, com terríveis tormentos para o espírito humano — exclamou Tobias, inquieto — embora a distancia, toda a vida psíquica americana teve na Europa a sua origem. Teremos grande trabalho em preservar o Novo Mundo.

A clarinada fazia-se ouvir com modulações estranhas e imponentes. Notei que profundo silêncio caiu sobre todo o Ministério da Regeneração.

Atento à minha atitude de angustiosa expectativa, Tobias informou:

— Quando soa o clarim de alerta, em nome do Senhor, precisamos fazer calar os ruídos de baixo, para que o apelo se grave em nossos corações.

Quando o misterioso instrumento desferiu a última nota, fomos ao grande parque, a fim de observar o céu. Profundamente comovido, vi inúmeros pontos luminosos, parecendo pequenos fósforos resplandecentes e longínquos, a librarem-se no firmamento.

— Esse clarim — disse Tobias igualmente emocionado — é utilizado por espíritos vigilantes, de elevada expressão hierárquica.

Regressando ao interior das Camaras, tive a atenção atraída para enormes rumores provenientes das zonas mais altas da colônia, onde se localizavam as vias públicas.

Tobias confiou à Narcisa certas atividades de importância junto aos enfermos e convidou-me a sair, para observar o movimento popular.

Chegados aos pavimentos superiores, de onde nos poderíamos encaminhar à Praça da Governadoria, notamos intenso movimento em todos os setores. Identificando-me o espanto natural, o companheiro explicou:

— Estes grupos enormes dirigem-se ao Ministério da Comunicação, à procura de notícias. O clarim que acaba de soar, só vem até nós em circunstâncias muito graves. Todos sabemos que se trata da guerra, mas é possível que a Comunicação nos forneça algum detalhe essencial. Observe os transeuntes.

Ao nosso lado, vinham dois senhores e quatro senhoras, em conversação animada.

— Imagine — dizia uma — o que será de nós no Auxílio. Ha muitos meses consecutivos, o movimento de súplices tem sido extraordinário. Experimentamos justa dificuldade para atender a todos os deveres.

— E nós com a Regeneração? — objetava o cavaleiro mais idoso — os serviços prosseguem consideravelmente aumentados. No meu setor, a vigilância con-

tra as vibrações umbralinas reclama esforços incessantes. Estou avaliando o que virá sobre nós...

Tobias segurou-me o braço, de leve, e exclamou:

— Adiantemo-nos um pouco. Ouçamos o que dizem outros grupos.

Aproximando-nos de dois homens, ouvi um deles perguntando:

— Será crível que a calamidade nos atinja a todos?

O interpelado, que parecia portador de grande equilíbrio espiritual, replicou, sereno:

— De qualquer modo, não vejo motivo para precipitações. A única novidade é o acréscimo de serviços que, no fundo, constituirá uma bênção. Quanto ao mais, tudo é natural, a meu ver. A doença é mestra da saúde, o desastre dá ponderação. A China está sob a metralha, há muito tempo, e não mostrou você, ainda, qualquer demonstração de assombro.

— Mas agora — objetou o companheiro despostado — parece que serei compelido a modificar meu programa de trabalho.

O outro sorriu e obtemperou:

— Helvécio, Helvécio, esqueçamos o "meu programa" para pensar em "nossos programas".

Atendendo a novo gesto de Tobias, que me redava atenção, observei três senhoras que iam na mesma direção, à nossa esquerda, verificando que o pitoresco não faltava, igualmente ali, naquele crepúsculo de inquietação.

— A questão impressiona-me sobremaneira — dizia a mais moça — porque Everardo não deve regressar do mundo agora.

— Mas a guerra — disse uma das companheiras — ao que parece, não alcançará a Península. Portugal está muito longe do teatro dos acontecimentos.

— Entretanto — indagou a outra componente do trio — por que semelhante preocupação? Se Everardo viesse, que aconteceria?

— Receio — esclareceu a mais jovem — que ele me procure na qualidade de esposa. Não o poderia suportar.

E' muito ignorante e, de modo algum, me submeteria a novas crueldades.

— Tola que és! — comentou a companheira. — Olvidaste que Everardo será barrado pelo Umbrai, ou causa plór?

Tobias, sorrindo, informou:

— Ela teme a libertação dum marido imprudente e perverso.

Decorridos longos minutos, em que observavamos a multidão espiritual, atingimos o Ministério da Comunicação, detendo-nos ante os enormes edifícios consagrados ao trabalho informativo.

Milhares de entidades acotovelavam-se, afitamente. Todos queriam informações e esclarecimentos. Impossível, porém, um acôrdo geral. Extremamente surpreendido com o vozerio enorme, vi que alguém subira a uma sacada de grande altura, reclamando a atenção popular. Era um velho de aspecto imponente, anunciando que, dentro de dez minutos, far-se-ia ouvir um apelo do Governador.

— E' o Ministro Espírito-Santo — informou Tobias, atendendo-me a curiosidade.

Serenado o barulho, dai a momentos ouviu-se a voz do próprio Governador, através de numerosos alto-falantes:

— "Irmãos de "Nosso Lar", não vos entregueis a disturbios do pensamento ou da palavra. A aflição não constrói, a ansiedade não edifica. Saibamos ser dignos do claramento do Senhor, atendendo-Lhe a Vontade Divina no trabalho silencioso, em nossos postos".

Aquela voz clara e veemente, de quem falava com autoridade e amor, operou singular efeito na multidão. No curto espaço de uma hora, toda a colônia regressava à serenidade habitual.